



Résumé : Dans cet article, je propose d'examiner la relation entre les langues dans un espace d'énonciation très spécifique, fondé une école bilingue. Propre à la sémantique de l'événement, l'objectif est de réfléchir sur le texte comme un événement du langage qui se produit dans un espace de litige et de relation entre langues.

Mots-clés : enseignement des langues, sémantique, texte

Resumo: Neste trabalho, proponho-me a pensar a relação entre línguas em um espaço de enunciação muito específico, uma escola bilíngue. Fundamentada na Semântica do Acontecimento, meu objetivo é refletir sobre o texto como um acontecimento enunciativo que se produz em um espaço de disputa e de relação entre línguas.

Palavras-chave: ensino de línguas, semântica, texto

Abstract: In this paper, I propose to think the relation between languages in a very specific utterance space, a bilingual school. Based on the Event Semantics, my objective is to reflect about the text how an utterance event produced in an argue dispute space and the relation between languages.

Keywords: education of languages, semantic, text

Considerações iniciais

Fundamentada nos postulados da Semântica do Acontecimento, meu objetivo é compreender o texto como um acontecimento enunciativo produzido por alunos de ensino médio em um espaço de enunciação específico: uma escola bilíngue franco-brasileira. Trata-se de espaço de enunciação em que a disputa e a relação entre línguas estão em constante efervescência produzindo diferentes efeitos de sentidos no acontecimento enunciativo do texto.

Compreender o texto como um acontecimento de linguagem implica retomar duas noções que se apresentam como centrais à reflexão que estou propondo. Refiro-me aqui à noção de espaço de enunciação e à própria noção de texto tal como propostas por Guimarães (2002). É fundamentada nesta reflexão teórica que, mais adiante, analiso

o espaço de enunciação de uma escola bilíngue observando o ir e vir de sentidos, seus efeitos e seus funcionamentos em um texto produzido neste espaço de enunciação em que os alunos (con)vivem *na* e *com* a biculturalidade.

1. Espaço de enunciação

Pensar na relação entre línguas a partir de uma perspectiva semântica significa considerar que, no seu funcionamento, as línguas afetam-se umas às outras e são afetadas por condições históricas específicas cujo aspecto fundamental “é que as línguas funcionam sempre em relação a outras línguas” (Guimarães, 2006: 12). Conceber a relação entre línguas sob essa perspectiva impõe que se considere os aspectos sociais, históricos e ideológicos que entram em jogo neste funcionamento das línguas. Em outras palavras, trata-se de se considerar o espaço de enunciação como o espaço de funcionamento, de convivência e de disputa das línguas. Nele, línguas e falantes coabitam, transformam-se, afetam-se. São também afetados pelo espaço político-geográfico, pela exterioridade que, historicamente, vai produzindo e alterando o espaço de enunciação e, conseqüentemente, os sentidos ali produzidos.

É o espaço de enunciação que « distribui e atribui politicamente as línguas a seus falantes. Deste modo, o acontecimento de enunciação se dá sempre num espaço de divisão de línguas, se dá sempre num « espaço político » (Guimarães, 2007: 205). É importante destacar que cada espaço de enunciação distribui as línguas de um modo muito específico. Isso acontece porque para cada espaço de enunciação há uma regulação histórica particular que diz respeito às línguas e aos falantes que estão em relação naquelas condições sociais, históricas e políticas.

Ao enunciar, assume-se a palavra a partir de um espaço de embate entre línguas e falantes. Neste embate, o falante constitui-se como uma figura determinada pelas relações com as línguas do seu espaço de enunciação. É, portanto, no funcionamento da língua, no acontecimento do dizer, em um espaço de enunciação, que os falantes são agenciados enunciativamente.

2. Texto

Em conformidade com os pressupostos teóricos da Semântica do Acontecimento, o texto é tomado aqui a partir de sua inscrição no acontecimento enunciativo. Isso implica considerar a relação simbólica que se estabelece entre sujeito, língua e mundo. É no acontecimento do dizer que o falante é agenciado a enunciar de determinados lugares, o lugar de dizer e o lugar social.

Assim, pensar o texto como inscrição no acontecimento implica levar em conta dois aspectos fundamentais, a saber, o discursivo e o enunciativo, que remetem à dimensão histórica e política do texto. A partir daí entende-se que a análise enunciativa de um texto leva em conta o modo como “o exterior da enunciação constitui sentidos no acontecimento, ou melhor, como a memória interdiscursiva e a língua significam no presente do processo incessante da história dos sentidos” (Guimarães, 1998: 3).

O texto deixa de ser concebido então como um encadeamento de ideias que formam uma unidade textual. Ele passa a ser visto como um movimento dos sentidos na relação

entre as formas da língua e a memória do dizer. É a partir deste movimento incessante de sentido que se produz o efeito de unidade do texto. Em outras palavras, este movimento de sentidos é elemento fundamental à constituição do texto, pois, conforme destaca Guimarães (1998: 4)

não há texto sem o processo de deriva de sentidos. Esta deriva enunciativa incessante é que constitui o texto. O interessante desta deriva é que ela se dá exatamente nos pontos de estabelecimento de identificação de semelhanças, de correspondências, de igualdade. Quando uma forma se dá como igual/correspondente a outra, o sentido está em movimento e constitui textualidade. Não há textualidade sem deriva de sentido. O procedimento de deriva da textualidade faz com que algo do texto seja interpretado como diferente de si.

Assim, compreendendo o texto como um deslizamento de sentidos que se constituem e se constroem pela textualidade, considero que o trabalho com o texto no ensino de línguas deve levar em conta, portanto, este *ir e vir* de sentidos, estes movimentos semânticos que se configuram em formas de re-dizer, de re-significar o dito (Oliveira, 2006).

Para pensar texto na sala de aula como acontecimento enunciativo característico de um espaço de enunciação, recorro aos procedimentos da textualidade para desenvolver minhas análises. Refiro-me aqui às noções de reescrituração¹ e de articulação² que permitem ao texto redizer insistentemente o que já foi dito. A partir destes dois procedimentos enunciativos, é possível estabelecer uma rede de sentidos, movimentos e derivas que foram sendo construídas na textualidade.

3. Escola bilíngue: convivência e disputa de línguas

Considerando que é no espaço de enunciação há a convivência e a disputa de línguas, selecionei como objeto de reflexão a instituição Fondation Lycée Pasteur - Casa Santos Dumont. Trata-se de uma escola bilíngue franco-brasileira, localizada na cidade São Paulo, que se organiza e funciona seguindo os parâmetros do Ministère de l'Éducation Nationale da França. A gestão deste estabelecimento de ensino é de responsabilidade de um comitê administrativo que está diretamente ligado ao Consulado da França no Brasil.

Isso quer dizer que na Fondation Lycée Pasteur - Casa Santos Dumont todo ensino, desde as etapas de alfabetização até o término do liceu (ensino médio brasileiro), é oferecido em língua francesa. A partir do sexto ano do colegial (ensino fundamental no Brasil), iniciam-se as chamadas disciplinas “brasileiras” que concernem não só às disciplinas de História e Geografia do Brasil, mas também à língua portuguesa que é obrigatória ao lado de outras línguas modernas, como língua inglesa, espanhola e alemã. Ou seja, o currículo prevê que o aluno aprenda obrigatoriamente quatro línguas vivas (dentre elas está o português do Brasil) em que, além do domínio ortográfico e gramatical, ele tem de aprender literatura e civilização.

Observa-se assim que este espaço de enunciação apresenta interessantes particularidades. De um lado, tem-se que a instituição Fondation Lycée Pasteur - Casa Santos Dumont organiza-se nos moldes franceses. Pode-se até dizer que ela representa um *pedaço* da França no Brasil. Seu sistema de ensino, sua equipe administrativa, seus professores e seus funcionários são na maioria franceses residentes no Brasil. Em relação ao grupo de alunos, grande parte possui *binacionalidade* franco-brasileira, alguns são franceses, outros brasileiros e há uma pequena parcela que não se enquadra em nenhuma dessas

categorizações. Considerando que se trata de uma instituição administrada pelos órgãos franceses, a língua oficial e a língua nacional que se ensina ali é o francês. No entanto, esta instituição está alocada em território brasileiro, cuja língua oficial e nacional é o português do Brasil.

Nessa perspectiva, a Fondation Lycée Pasteur - Casa Santos Dumont apresenta-se como um lugar de convivência de línguas oficiais e nacionais (o português e o francês) e estrangeiras/segundas (o português, o francês, o espanhol, o alemão e o inglês). É também um lugar de disputa de línguas. Conforme Guimarães (2006), quando línguas oficiais estão em relação, verifica-se uma relação entre língua nacional/língua estrangeira. Este parece ser o caso da *Fondation Lycée Pasteur* - Casa Santos Dumont cujo espaço de enunciação configura-se pela presença de duas ou mais línguas em funcionamento. Pensando nessa relação, este espaço de enunciação pode ser caracterizado da seguinte maneira:

Tabela 1

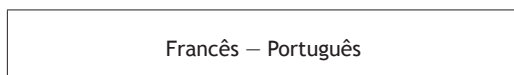


Tabela 2

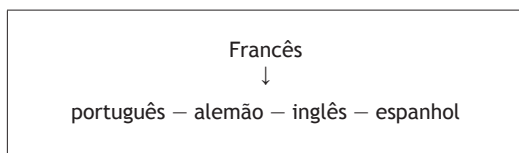
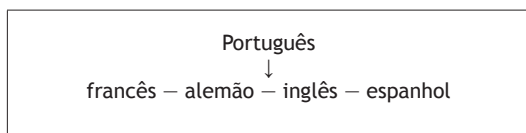


Tabela 3



Ou seja, neste espaço de enunciação, tem-se a relação diplomática entre línguas oficiais - francês e português - (tabela 1) que conduz a pensar na “globalização do espaço de enunciação”. O que significa, segundo Guimarães (2006: 22), que há “uma ampliação do espaço enunciativo de línguas não-só-nacionais”. Tomando essa noção de globalização do espaço, tem-se, por um lado, este espaço marcado pelo francês funcionando como língua oficial e nacional em relação com as demais línguas estrangeira (português – alemão – inglês – espanhol) (tabela 2); e, por outro lado, o português que também pode funcionar nessa mesma relação com as demais línguas (francês – alemão – inglês – espanhol) (tabela 3). Mas será que isso acontece?

Não se pode esquecer que a língua francesa exerce certa hierarquia neste espaço de enunciação já que ele se caracteriza como uma instituição de ensino francesa. Além disso, tem de se levar em conta o fato é que os falantes com *binacionalidade* franco-brasileira são falantes das duas línguas, português e francês. Ou seja, o funcionamento das línguas neste espaço de enunciação é afetado por uma memória e por uma política de línguas que lhe é constitutiva. Nesse sentido, ao refletir sobre o espaço de enunciação Fondation Lycée Pasteur - Casa Santos Dumont, não se pode perder de vista que os

espaços da língua francesa parecem ser também os espaços da língua portuguesa, ainda que o *status* institucional não coloque exatamente isso dessa forma. Para Guimarães (2006: 23), essa relação de línguas não-só-nacionais permite

projetar minimamente um “certo bilinguismo” como modo de ocupação de um espaço de poder que decline a globalização em territorialidades marcadas por uma afirmação do direito de não falar a mesma língua de todos. Um todos que sequer é real, mas que opera com a força aparentemente irresistível do imaginário, do ideológico.

A Fondation Lycée Pasteur - Casa Santos Dumont apresenta-se como um espaço de enunciação em que as línguas convivem, dividem-se, misturam-se, transformam-se. Espaço de funcionamento de línguas em que a disputa e a relação entre línguas estão, como já disse, em constante efervescência. Este espaço de enunciação é habitado, ou melhor, frequentado por falantes, sujeitos divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer. Em outras palavras, o espaço de enunciação é político e constitui-se pela equivocidade do acontecimento: “da deontologia que organiza e distribui papéis, e do conflito, indissociado desta deontologia que redivide o sensível, os papéis sociais” (Guimarães, 2002: 18).

4. O “Brasil” na textualidade

A fim de pensar a questão do texto como um acontecimento enunciativo, selecionei como objeto de análise um texto produzido em uma sala de aula que faz parte do liceu, etapa de ensino correspondente ao Ensino Médio brasileiro. Este texto foi coletado em 2006³. Tomando a Semântica do Acontecimento como referencial teórico-metodológico, proponho-me a analisar semanticamente o funcionamento de “Brasil” na textualidade. Para isso, observo o modo como esta expressão articula-se no âmbito do enunciado a outras palavras ou expressões e, também, o modo como ela é reescrita ao longo dos diferentes enunciados que compõem o texto.

Assim, considerando o texto como uma unidade de significação integrada de enunciados, tomo como ponto de partida o título do texto que constitui meu primeiro recorte:

(1) Desigualdades sociais no Brasil

Aqui, “Brasil” aparece como uma designação de lugar articulado a “desigualdades sociais” através de um determinante “no” (em + o). Parafraseando este enunciado, é possível perceber melhor o funcionamento do adjunto adverbial:

(1a) No Brasil, há desigualdades.

(1b) No Brasil, há desigualdades que são sociais.

Pela paráfrase, chega-se a predicação em (1b) que indica que a relação de determinação semântica está funcionando entre as palavras “desigualdades” e “sociais”.

Observando os enunciados subsequentes, tem-se no recorte (2), a repetição de “Brasil” em um enunciado que reescreve o título e confirma a paráfrase apresentada acima.

(2) Existe no Brasil grandes problemas sociais.

Nota-se que neste caso “desigualdades” é reescrita por sinonímia através de “problemas” que, por sua vez, está caracterizado pelo adjetivo “grandes”. Outra paráfrase pode ser formulada para visualizar o deslizamento de sentido que aconteceu do título para o texto. Tem-se assim que

(2a) No Brasil, as desigualdades sociais são grandes problemas sociais.

Desse modo, “Brasil” continua aparecendo como um espaço em que há “desigualdades sociais” e são essas desigualdades que o determinam enquanto espaço geográfico.

No recorte (3), além da repetição de “problemas”, há um deslizamento de sentidos mais amplo. “Desigualdades sociais” passa a significar “espelho” que, por sua vez, reflete não só a realidade da “sociedade brasileira”, que está aqui reescrevendo “Brasil” através de um procedimento de especificação, como também da “sociedade francesa” que aparece aqui numa relação de equivalência ou de analogia semântica com “sociedade brasileira”. Essa relação sinonímica entre Brasil e França é reescrita e especificada na sequência do enunciado em “Pode-se analisar e comparar a situação no Brasil e na França”. No entanto, logo a seguir, observa-se que “desigualdade social” é reescrita novamente pelo pronome demonstrativo “isso” que está articulado por uma conjunção comparativa “tanto.... [quanto]”. É através dessa organização comparativa que as desigualdades sociais no Brasil e na França são colocadas em um patamar de *suposta* igualdade. Digo *suposta* igualdade porque ela não é sustentada semanticamente. Pelo movimento dos sentidos na textualidade, vê-se que “no Brasil” é reescrito por expansão através da designação “países subdesenvolvidos”; este, por sua vez, articula-se, através da aditiva “e”, que aparece aqui como parte da conjunção comparativa “tanto.... [quanto] e...”, a “países desenvolvidos” que reescreve por elipse “na França”. Percebe-se assim que os sentidos deslizam e configuram outra relação entre “Brasil” e “França”. Agora, trata-se de uma relação de antonímia.

(3) Cada um é consciente disso, mas são poucas as pessoas que trabalham e ajudam para resolver esses problemas que na verdade é um espelho da sociedade brasileira e francesa. Pode-se analisar e comparar a situação no Brasil e na França para tentar saber se isso existe tanto nos países subdesenvolvidos e nos países desenvolvidos.

Nos recortes seguintes, essa relação de antonímia é confirmada: a designação de “Brasil” é reescrita por repetição e, em seguida, novamente por “país subdesenvolvido” (recorte 4); o mesmo acontece com “França” cuja reescrituração por repetição coloca-a em relação de predicação com “país desenvolvido” (recorte 5).

(4) No Brasil, que é um país subdesenvolvido se pode ver o contraste rico-pobre em qualquer cidade em qualquer lugar. Na rua se veem mendigos dormindo no chão e por “sorte” às vezes não *morrem*⁴ durante a noite de frio. (...) Esse contraste também pode se ver com as mansões e as favelas.

(5) Mas, na França que é um país desenvolvido existe também problemas sociais, portanto diferentes. Os mendigos são nesse estado de um lado um pouco por vontade. Lá, o estado paga para as pessoas desempregadas e o salário mínimo é bem mais elevado do que no Brasil. Na França, existia favelas mas foram quase todas destruídas antes de 1970. Hoje, existe as “cités” que regroupam pessoas da classe baixa. Nesses edifícios são magrebianos que morrem lá.

Aprofundando a análise, para depreender as relações de sentidos que estão funcionando em relação à palavra “Brasil”, no recorte (4), pode-se estabelecer as seguintes paráfrases:

(4a) O Brasil é um país de contraste.

(4b) O Brasil é de ricos e pobres.

(4c) O Brasil é um país de mansões e favelas.

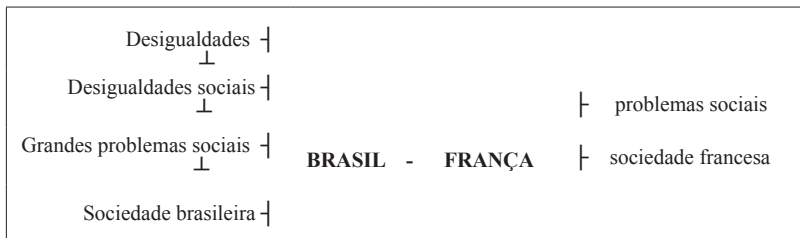
A partir destes procedimentos, visualizam-se as relações de predicação que estão funcionando e designando “Brasil” na textualidade. Tem-se a partir daí que “contraste”, “rico-pobre” e “mansões e favelas” estão determinando o sentido de “Brasil”. Determinações estas que trazem consigo certa oposição interna. Ou seja, “contraste” remete a dessemelhança, variação, diferença. Sentido(s) que é ou está (mais) acentuado em “rico-pobre” e “mansões e favelas”. Essas palavras e expressões reforçam e reescrevem, portanto, as desigualdades sociais do Brasil já destacadas no título do texto.

No recorte (5), observa-se que se mantém a relação de antonímia entre

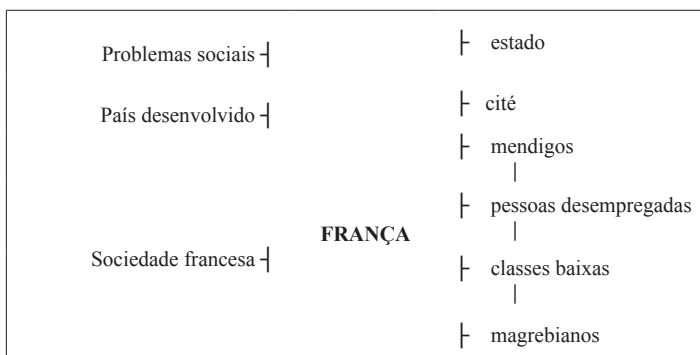
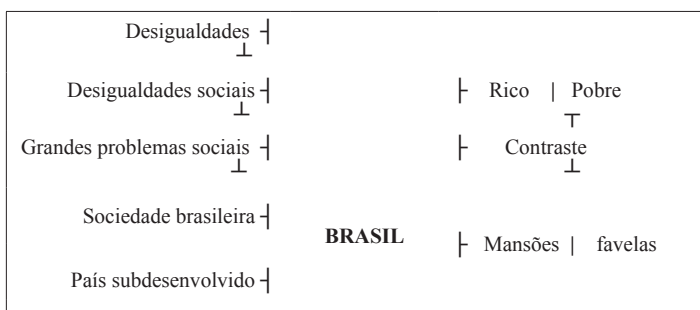
Brasil → país subdesenvolvido e França → país desenvolvido
--

Essa relação é sustentada ainda neste mesmo enunciado pelo uso da conjunção adversativa “mas” que explicita uma oposição ao que vinha sendo dito. No entanto, há de se observar que, neste recorte (5), o advérbio “também” reescreve a relação sinonímica entre Brasil e França que havia sido apontada no recorte (3). Essa sinonímia está funcionando especificamente em relação a “problemas sociais”. Ou seja, Brasil é, ao mesmo tempo, determinado pela diferença e pela semelhança em relação à França. Ambos têm problemas sociais, mas estes problemas não são, necessariamente, da mesma ordem: “Mas, na França que é um país desenvolvido existe também problemas sociais, portanto diferentes” (recorte 5). As relações de comparação entre Brasil e França continuam na sequência do enunciado ainda que pressupostas ou implícitas em alguns casos. “França” é reescrita por “estado”. Nota-se aqui que essa determinação não está remetendo a qualquer estado, mas a um estado ou país desenvolvido em que os mendigos estão nessa situação porque recebem dinheiro do Estado: “mendigos são nesse estado de um lado um pouco por vontade”.

A partir dos recortes apresentados, chega-se ao Domínio Semântico de Determinação (DSD). Os DSDs, apresentados abaixo, representam as relações de significação da palavra “Brasil” no texto analisado. Em outras palavras, os DSDs mostram a rede de sentido que foi sendo construída não só no nível do enunciado, mas também ao longo do texto. Como foi possível perceber, ao longo da descrição, as análises realizadas mostraram que a determinação semântica de “Brasil” levou em consideração as determinações que constituíram o sentido de “França”. Por isso, neste primeiro DSD, o movimento de sentidos da textualidade funcionou na direção de relações de sinonímia entre “Brasil” e “França” como mostra a representação abaixo:



Os recortes apresentados permitiram perceber ainda que as determinações de “Brasil” foram afetadas também por uma relação de antonímia em relação à “França”, como mostrar o seguinte DSD.



Considerações finais

Neste trabalho, busquei mostrar o texto, como acontecimento enunciativo, em um espaço de enunciação que se caracteriza pela constante disputa e pela intensa relação de línguas não-só-nacionais. As análises mostraram, pelo movimento de sentidos da palavra “Brasil”, como, no acontecimento do texto, neste espaço de enunciação, o falante, afetado por este entre-línguas, faz uso de um discurso de senso comum que se sustenta numa memória discursiva sobre o Brasil e sobre a França. Nesta relação simbólica entre sujeito, língua e mundo, que se estabelece no e pelo texto, acontecimento do dizer, o falante enuncia de um lugar de consenso popular mostrando seu imaginário sobre a França e sobre o Brasil, país desenvolvido e subdesenvolvido respectivamente.

Notas

¹ Procedimento enunciativo que reescreve o que já foi dito atribuindo-lhe novos sentidos. Ela pode ocorrer sob diferentes formas, como, por exemplo, através de repetição, substituição, elipse, expansão, condensação ou definição. Estes diferentes modos de reescritura criam uma trama (teia) de sentidos na superfície textual, pois conectam pontos do texto entre si e com outros textos (Guimarães, 2002).

² Procedimento enunciativo que permite observar como o funcionamento dos elementos linguísticos pode afetar e modificar seus próprios sentidos, ressignificando-os e redizendo-os no interior de um mesmo enunciado. Do ponto de vista semântico, é possível dizer que na articulação o funcionamento dos elementos linguísticos se configura através de diferentes modos de significação, como, por exemplo, referência, predicação, determinação, pressuposição, argumentação e performatividade, entre outras (Guimarães, 2002).

³ O texto analisado faz parte do corpus de minha tese de doutorado (Massmann, 2009) desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês, sob orientação da Profa. Dra. Véronique Dahlet, na Universidade de São Paulo.

⁴ É importante destacar que os recortes foram transcritos tal e qual a versão manuscrita produzida pelo aluno.

Referências Bibliográficas

Guimarães, E. 2009. “A enumeração, funcionamento enunciativo e sentido” In: *Cadernos de Estudo Linguísticos* 51(1). Campinas: Editora da Unicamp.

Guimarães, E. 2007. “Domínio Semântico e Determinação” In: *A Palavra: Forma e Sentido*. Campinas: Pontes, p. 77-96.

Guimarães, E. 2006. “Espaço de enunciação e política de línguas no Brasil” In: Oliveira, S. E.; Santos, J. F. (orgs.). 2006. *Mosaicos de linguagens*. Campinas: Pontes Editores, p. 11-28.

Guimarães, E. 2002. *Semântica do Acontecimento*. Campinas: Pontes.

Guimarães, E. 1998. “Textualidade e enunciação”. In: *Escritos*, n.2. Campinas: Labeurb: Unicamp, p.3-12.

Oliveira, S. E. 2006. “O texto no acontecimento”. In Oliveira, S. E.; Santos, J. F. (orgs.), 2006. *Mosaicos de linguagens*. Campinas: Pontes Editores, p. 55-66.

Oliveira, S. E.; Santos, J. F. (orgs.). 2006. *Mosaicos de linguagens*. Campinas: Pontes Editores.